REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XII ANNO | 21 DE OUTUBRO DE 1889 | VOLUME XII N.º 390

SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I. — FALLECIDO EM CASCAES NO DIA 19 DO CORRENTE

(Segundo o ultimo retrato que Sua Magestade tirou, em Junho d'este anno no atelier Fillon. — Vid. *Chronica Occidental*)

CHRONICA OCCIDENTAL

É sinistro e lugubre o aspecto de Lisboa. Nas ruas não se vê senão gente de luto, os echos sinistros do canhão funereo reprecutem-se de quarto em quarto de hora por toda a capital, os sinos dobram permanentemente a finados, as armas reaes estão envoltas em crepes, os theatros estão fechados, os jornaes vem todos tarjados de negro, as secretarias estão cerradas, as lojas têm apenas meia porta aberta: a vida de Lisboa está como que suspensa, paralysada — o Rei morreu!

D. Luiz I, acabou finalmente o seu longo e doloroso martyrio.

Durante uma semana inteira era esperado, minuto a minuto, este fatal desenlace.

A doença do rei, em que ha tanto tempo se fallava, que ha tanto tempo se dizia, que uns diziam gravissima, que outros insistiam não ter gravidade alguma, sahira brutalmente do mysterio que a envolvia e apresentára-se em toda a sua terrivel e implacavel verdade.

Os pessimistas é que tinham razão, infelizmente!

O *Diario do Governo* que conserváva sempre um mutismo impenetravel sobre a doença do Rei, mutismo a que a politica partidaria dava varias interpretações, quebrou finalmente na terça feira, 15, esse silencio tão diversamente commentado, e publicou assignado por seis medicos o seguinte boletim aterrador:

«S. M. El Rei o sr. D. Luiz, que ha mezes foi accommettido de nevralgias do plexo sciatico seguidas de phenomenos de akenesia, apresenta actualmente accidentes de decubito que hoje tornam muito grave o seu estado.»

Era um boletim quasi de morte, esse primeiro boletim que a folha official publicava acêrca da doença d'El-Rei!

E apesar dos termos medicos, da technologia scientifica, para muita gente incomprehensivel, com que o boletim vinha redigido, toda a gente, mesmo aquella que ficou sem perceber que doença era a que tinha o monarcha, percebeu logo que estava chegada a ultima hora do infeliz e querido Rei.

O apparecimento do boletim no *Diario do Governo*, tanto tempo mudo a esse respeito, era uma prova evidentissima da gravidade extrema, desesperadora da doença.

O silencio da folha official explicava-se, ha muito tempo, pela repugnancia que Sua Magestade a Rainha tinha de que se publicassem boletins da doença do Rei, por quanto todas as vezes que alguem da sua familia adoecia e se publicavam boletins, a morte do doente seguia de perto essa publicação.

Comprehendia-se e respeitava-se esse mau agouro da Rainha, mas o que se comprehendia tambem logicamente era que dado elle, o apparecimento do boletim só se faria na ultima extremidade, quando o Rei estivesse completamente perdido, quando não houvesse esperança alguma de salvação e a morte estivesse muito proxima, inevitavel, implacavel.

O boletim appareceu: comprehendeu-se logo que se dava esse caso, e infelizmente esse caso dava-se.

El-Rei D. Luiz estava em artigos de morte.

Doente ha perto de dois annos, d'uma enfermidade seriissima e de que Sua Magestade felizmente nunca suspeitou, nem por sombras a extrema gravidade, nos ultimos tempos essa doença aggravara-se espantosamente fazendo prever a todos os medicos um desenlace fatal, rapido e inevitavel.

Alem dos medicos portuguezes Sua Magestade foi visto e observado por um medico allemão e por um medico austriaco, clinicos de grande fama no mundo scientifico, e a opinião d'esses dois medicos illustres foi positivamente a mesma dos seus collegas de Portugal,:—que o estado do Rei era sem remedio e sem esperança.

O medico allemão viu El-Rei D. Luiz em Cintra e consta-se que sendo consultado ácêrca da conveniencia da ida ou não ida de Sua Magestade para Cascaes, dissera:

—É inteiramente indifferente para o enfermo ir ou não ir.

E depois accrescentára para uma pessoa a quem podia fallar com mais franqueza:

—No estado em que o Rei está, nada lhe faz mal, do mesmo modo que nada lhe faz bem.

Tudo isto se dizia cá fóra, contava-se pela bocca pequena, porque informação official não havia nenhuma a tal respeito, e se alguma apparecia era desmentindo estes sinistros boatos.

E desgraçadamente elles eram bem verdadeiros!

A noticia do modo como o Rei foi transportado de Cintra para Cascaes provou-o bem dolorosamente, e bastou ler a narrativa d'essa viagem feita á noite, ás escondidas para ninguem vêr o Rei, e a descripção da cadeirinha-maca em que Sua Magestade foi transportado, para se vêr que era verdade tudo que se dizia, e se reconhecer que o estado do Rei era gravissimo.

A doença porém tinha tido desde o principio varias remissões: de vez emquando estacionava, mostrava-se uma melhora, mas d'ahi a dias, essa melhora desapparecia, vinha um aggravamento do mal, e a enfermidade continuava a sua marcha terrivel, implacavel, parando ás vezes, mas não recuando nunca, descançando para avançar mais, sempre mais, como as ondas quando a maré sobe.

A mudança de Sua Magestade para Cascaes deu uma d'essas remissões; a mudança do ar, e por ventura a animação moral que essa viagem levou ao espirito do real enfermo provocaram um momento de apparentes melhoras; mas dias depois a doença proseguiu a sua sinistra marcha, accellerada então ainda pelo desgosto profundo que causou a El-Rei a morte do seu querido irmão, o sr. Infante D. Augusto

E d'ahi por deante o mal nunca mais parou, não fez mais nenhum descanço e em menos d'um mez levou o Rei para junto do seu chorado irmão.

Os sustos, a anciedade, os terrores que n'essa semana dolorosa torturaram toda a nação são bem conhecidos de todos.

A terrivel surpreza que ao paiz inteiro causou o primeiro boletim do Diario do Governo, foi acompanhada d'uma profunda dôr, porque El-Rei D. Luiz era querido e adorado por toda a nação.

D'esse momento em deante o paço de Cascaes, onde El-Rei agonisava, esteve permanentemente cheio não só de altos dignatarios, de pessoas da côrte, a quem a sua posição chamava ali, como tambem de pessoas de todas as classes, que iam ali anciosamente saber noticias do Rei, de jornalistas que estabeleceram ali provisoriamente a sua residencia, para a todo o instante informarem o publico do estado da saude do infeliz soberano.

Durante cinco longos dias o Rei esteve positivamente entre a vida e a morte.

A doença era d'aquellas doenças fataes que não permittem esperanças, se as permittisse as noticias que vinham de Cascaes muitas vezes teriam alegrado a nação, porque o robusto temperamento do Rei, a sua poderosa força vital, oppoz tenaz e energica resistencia á morte, os boletins mais aterradores eram immediatamente seguidos d'outros em que o estado do Rei reagia poderosamente contra o mal, desnorteando completamente os prognosticos da sciencia; agora como que entrando na agonia, d'ali a momentos El-Rei melhorava espantosamente, apresentava symptomas animadores que teriam feito nascer esperanças se esperanças fossem auctorisadas com aquella doença inevitavelmente mortal: o estado commatoso, que precede a morte, apresentou-se tres ou quatro vezes, e tres ou quatro vezes desappareceu outra vez.

Infelizmente estas constantes alternativas do enfermo, que n'uma doença d'outra natureza, n'uma d'essas doenças agudas, que tem os seus periodos de crise, e que levando os doentes até ás portas da morte os atiram de repente para a vida e para a saude, seriam de bom agouro, ali n'aquelle caso terrivel e desesperado não passavam d'um longo e doloroso martyrio, completamente inutil, d'um crudellissimo aggravamento da morte que não tinha commutação possivel.

E o paiz assistia doloridamente assombrado a esse monstruoso martyrio, a essa excepcional agonia, que mostrava bem democraticamente, que para a dôr não ha grandes na terra, para a tortura não ha nobres nem plebeus, não ha reis nem vassallos, e era tão grande a compaixão que essa medonha tortura do Rei tão querido e estimado, inspirava a todos, que, quando finalmente do paço de Cascaes veio a noticia de El-Rei ter exhalado o ultimo suspiro, no dia 19 ás 11 horas da manhã, quando em Lisboa echoou o primeiro tiro funebre, que annunciáva ao povo a morte do seu Rei, o povo sentindo as lagrimas saltarem-lhe dos olhos a essa noticia o *Rei morreu*, sentiu ao mesmo tempo como que um grande allivio:

O Rei acabára, finalmente o seu martyrio.

Não é agora o momento nem é aqui o lugar de fazer a apreciação d'esse bom Rei, que cessou d'existir, de fazer a critica d'esse brilhante reinado que acaba de passar á historia.

O Occidente hoje publica um retrato do fallecido Rei, o ultimo que elle tirou precisamente no ultimo dia em que sahiu a passeio em Lisboa.

Estava já então profundamente minado pela doença terrivel, que o havia de matar em breve e que alterava já tão sensivelmente as suas feições a ponto de o tornar difficil de reconhecer, como n'esse retrato se vê.

El-Rei estava já tão doente, o seu estado de saude era tão precario, que no atelier Fillon onde Sua Magestade foi *poser* para essa photographia, o esforço de estar um momento em *pose* produziu-lhe logo uma syncope, sendo necessario para o fazer tornar a si desapertal-o e dar-lhe antipasmodicos.

No proximo numero, o Occidente dará em supplemento um grande retrato d'El-Rei D. Luiz em corpo inteiro e por essa occasião acompanhal-o-ha d'um artigo biographico e critico do illustre monarcha, que desceu ao tumulo acompanhado pela estima, pela sympathia e pelas lagrimas de todo o seu povo.

A morte de El-Rei D. Luiz não é simplesmente um luto official para o paiz, é como que um luto de familia, todos o estimavam, e aquelles que d'elle uma vez se tinham aproximado, estremeciam-n'o pela affabilidade do seu trato, pela delicadeza e bonhomia das suas maneiras, pelos altos dotes do seu espirito e do seu caracter.

Como rei, D. Luiz I foi o modelo dos reis constitucionaes, conservando-se sempre fóra das luctas dos partidos, occultando perfeitamente as suas predilecções se as tinha, a ponto de ninguem as conhecer, comprehendendo e executando maravilhosamente o logar que a nossa constituição marca ao chefe supremo do Estado. Como homem foi um dos homens mais illustrados e mais intelligentes do seu paiz, espirito summamente lucido, cultivado pelo estudo e pelas viagens, penetrado d'um grande sentimento do Bello, do Bem e do Justo; dado a todas as manifestações artisticas especialmente á musica e ás bellas letras.

Como toda a gente sabe D. Luiz era um homem de lettras distinctissimo, conhecia a fundo todas as litteraturas e traduzia com esmero, com elegancia e com profunda consciencia de litterato as principaes obras primas do theatro Shaksperiano.

Amava extraordinariamente as lettras e procurava o convivio de todos aquelles, que as cultivavam, e a esse amor que o Rei tinha pelas lettras, a litteratura portugueza deve grandes e relevantissimos serviços.

É a D. Luiz que os homens de lettras portuguezas devem a instituição d'esse premio annual d'um conto de reis, concedido pela Academia Real das Sciencias; é a D. Luiz que se deve a convenção litteraria com o Brazil, essa convenção que tão grande beneficio fez ás lettras portuguezas, que ha muitos annos se reclamava incessante e inutilmente e que finalmente se alcançou, mercê da intervenção persistente do illustre monarcha.

E é por isso que hoje ao passo que todo o paiz chora a morte do seu Rei, os homens de lettras portuguezes choram a morte d'um dos seus confrades mais illustres e mais distinctos.

El-Rei D. Luiz teve no meio da enorme tortura, que foi a sua agonia, a felicidade de ver junto do seu leito sua esposa, a Rainha, que o estremecia, seus filhos que o adoravam como ao melhor dos paes.

O Rei morreu como um chefe de familia rodeado de todos os seus, cercado dos mais ternos carinhos e dedicações; os soluços e as lagrimas que acompanhavam o seu estertor não sahiam da dôr official, não eram pautados pela pragmatica, partiam sentidos e profundos dos corações amantissimos, que o tinham adorado em vida.

Toda a gente sabe já a dedicação enorme, a energia quasi sobrenatural com que Sua Majestade a Rainha velou permanentemente junto do leito de seu marido, a coragem com que durante largos mezes tentou disputal-o á morte, á força de cuidadosa solicitude, de dedicados disvellos.

E quando a hora extrema soou, quando a esposa se viu viuva, lembrou-se de que era mãe e de que era Rainha, e voltando-se para seu filho, para o novo Rei, com uma magestade e uma grandeza ideal, que ha muito se julgava fugida do mundo, refugiada apenas nas tragedias antigas, exclamou:

— O Rei está morto, viva o Rei. Abençou-te, meu filho e praza a Deus que sejas tão bom Rei como elle o foi e como tu desejas sel-o.

E para dar o exemplo da obediencia, ella a mãe, ella a Rainha, curvou-se ante seu filho e beijou a mão de D. Carlos I, a mão do novo Rei de Portugal.

E em seguida a viuva de D. Luiz I escrevia uma affectuosa carta a sua nora, a Rainha D. Amelia, saudando-a pela sua ascensão ao throno.

A nova rainha não assistiu aos momentos finaes

do seu sogro, por que a prohibiram d'isso expressamente os medicos, attento o seu estado interessante, pois a todo o momento se espera o parto de Sua Magestade.

A chronica vae longa, e para terminal-a registramos aqui na sua integra a proclamação do novo rei.

«Portuguezes! Quiz Deus pôr termo prematuro á vida de El-Rei D. Luiz I, meu augusto e muito amado pae, depois de um reinado de vinte e oito annos, que ficará assignalado na historia do paiz, como periodo de paz, de tolerancia e liberdade, de fecunda trasformação nas leis fundamentaes e organicas, e do mais amplo desenvolvimento moral e economico.

Em conformidade das instituições politicas da monarchia, sou chamado a presidir aos destinos do reino, e para o melhor desempenho dos deveres que me incumbem, dão-me força a tradição, que me é legada pelo fallecido soberano, e a veneração com que o povo portuguez recorda a sua memoria e partilha commigo e com a familia real a dor immensa que a todos nos punge.

Na mais fiel observancia das nossas instituições politicas, no esforço incessante para levantar, quanto em mim caiba, a grandeza e prosperidade da minha patria, porei como me cumpre, o mais accurado empenho. Por essa forma diligenciarei merecer tambem a affeição do povo, e seguir o exemplo do monarcha que tanto a soubera prender á sua pessoa, e que tão cedo foi arrebatado aos carinhos da sua familia e ao respeito e amor da nação inteira.

Apressando me, pois, a dar cumprimento a um preceito da lei fundamental da monarchia:

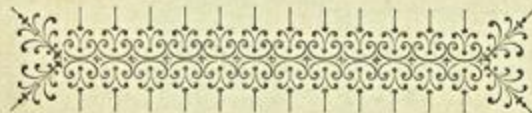
Juro manter a Religião Catholica Apostolica Romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a Constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação, quanto em mim couber, e prometto ratificar em breve este juramento nas cortes geraes da nação portugueza.

Outrossim declaro, que me apraz que os actuaes ministros e secretarios de estado continuem no exercicio das suas funcções.

Paço, em 19 de outubro de 1889 — *Dom Carlos I.* — José Luciano de Castro — Francisco Antonio da Veiga Beirão — Henrique de Barros Gomes — José Joaquim de Castro — Frederico Ressano Garcia — Eduardo José Coelho»

Está inaugurado, portanto, com este documento, o reinado de D. Carlos I.

Que Deus o fade bem!

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ, EM CASCAES

A Villa de Cascaes que por tantos annos jazeu no mais triste abandono, depois do terremoto de 1755, que arrazou a maior parte dos seus ideficios, reduzindo a quasi a um montão de ruinas, tem ido pouco a pouco, n'estes ultimos annos, resgatando-se da sua decadencia, e como que rejuvenecendo ao sopro benefico do progresso, que a tem posto em communicação facil com a capital, lhe tem levado a vida e animação de que por tantos annos esteve privada.

A sua situação na costa do Oceano a 38°,41′ de latitude e 6,27′12.″ de longitude O. de Greewich, distando apenas 27 kilometros da capital, em estrada plana seguida pela margem direita do Tejo até á barra e depois pela costa d'esde Cabo Razo, permettia-lhe o ser uma estação balnear de primeira ordem, como de facto se tornou, pela concorrencia de banhistas que successivamente de anno para anno tem augmentado.

Todas estas vantagens, porém, não influiriam bastante se não fôra a preferencia que El-Rei lhe dera, fazendo d'ali a sua estação balniar, e levando, portanto, a Cascaes a vida e animação da côrte nos mezes de agosto a outubro, em que ordinariamente ali ia residir.

Sabendo-se o quanto El-Rei gostava do mar, do mar que lhe tinha embalado a infancia até fazer-se homem, é facil comprehender a perdilecção do monarcha por aquella villa situada á beira do Oceano, e que lhe trazia á memoria as mais gratas recordações da sua vida de marinheiro, despreocupada do peso da corôa de rei, bem mais dificil de supportar que os embates da tempestade franca d'esse Oceano que elle tantas vezes dominou.

Cascaes tinha para D. Luiz todo o attractivo das cousas da infancia. De Cascaes gosava desafogadamente o mar em toda a sua grandeza, e quem sabe se esse goso era para elle um retempero de espirito, fatigado dos cuidados de Rei.

A não ser isto nenhuma outra razão explica a preferencia do monarcha pela pobre villa, onde nem sequer tinha um palacio real sufficientemente vasto para viver, mas unicamente uma modesta habitação com as commodidades mais indispensaveis.

O palacio real dentro da cidadella de Cascaes, só assim se lhe póde chamar por ser habitado por El-Rei, porque de resto é uma habitação, que antigamente foi casa do governador da praça, e em que modernamente se tem feito varias obras no sentido de a embellezar e tornar mais confortavel.

Um pavilhão envidraçado construido sobre a cidadella e dominando o mar, era uma das casas em que El-Rei mais presestia, quando ali estava com saude.

Foi a este pavilhão que elle quiz ser conduzido na sua cadeira de rodas, dois dias antes de ficar de todo na cama para nunca mais se levantar. Foram sete dias antes de morrer que elle quiz vêr pela ultima vez o mar, e na contemplação absorta d'aquelle mundo d'agua, que doces recordações da mocidade, que ainda não ía longe, se lhe avivariam na memoria saudosa do passado.

O dia estava calmo, o céu limpido e o mar tranquillo ondulava mansamente em extensas ondas humildes alongando-se pela costa.

O Rei contemplou durante algumas horas aquelle grandioso quadro, até que uma nuvem negra assomou no horisonte. Era o pronuncio da tempestade proxima, e medonha foi ella para o enfermo monarcha, era a ultima da sua vida, que elle não venceria como outras de que elle soubera triumphar.

Desde então a morte pairou sobre o leito do Rei. O mal attingio as proporções do desespero zombando de todos os recursos da sciencia.

A triste nova veio, emfim, para o dominio publico, e o povo principiou a correr presuroso para Cascaes a saber noticias do enfermo.

A velha cidadella, nunca fôra, em tempos modernos, tão concorrida de visitantes. Os comboios transportavam milhares de passageiros e os que íam com esperança, voltavam desalentados com as noticias que colhiam cada vez mais desoladoras. Foi uma semana de anciedade que terminou em desalento.

O Rei ao fim d'essa semana morreu.

Dentro dos muros d'aquella cidadella, que fôra theatro de tantas luctas, quando Portugal perdeu a sua independencia, acabava de se finar um rei querido.

Já não eram as hostes do duque d'Alba que invadiam a cidadella e anniquillavam a independencia de um povo; era a morte que arrebatava a vida de um rei d'esse mesmo povo, dentro d'aquellas muralhas levantadas pelo fundador da monarchia.

As nossas gravuras representam varias vistas da cidadella, onde se vê a parte principal dos paços reaes, baterias da fortaleza do lado do poente e do lado do nascente; a formosa bahia de Cascaes com a villa em distancia, e a entrada da cidadella, nos dias em que o povo ali concorreu a saber noticias de El-Rei D. Luiz.

N'outro *croquiz* vê-se a casa onde os *reporters* dos jornaes de Lisboa aguardavam os boletins dos medicos e mais informações dos progressos da doença, para as transmittirem em telegrammas ás suas redacções.

Todos estes desenhos foram expressamente feitos para o OCCIDENTE pelo seu collaborador artistico sr. Luciano Freire, com a rapidez que o caso exegia, para satisfazer á justa curiosidade dos nossos assignantes.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

Apagou-se mais um espirito brilhante no nosso mundo litterario, extinguiu-se uma existencia honrada, para quem o dever era um culto sagrado, que nem a vaidade nem a ambição eram capazes de fazer esquecer, um trabalhador intelligente do progresso, que faz falta ao seu paiz e que deixa na orphandade filhos sem pão.

Ingrata retribuição para um homem que lidou honradamente no serviço do seu paiz, miseravel fructo para o prozaismo da vida, de uma alma de poeta, de um espirito illuminado pela sentelha do talento.

Alexandre da Conceição nasceu em Ilhavo a 16 de outubro de 1842 e seus paes eram de Pinhel.

Completou os seus estudos de engenheria civil na Escola Polytechnica do Porto, com destincção.

As musas desafiaram-no ainda imberbe e elle deixou-se seduzir, e na *Grinalda* desferiu as suas primeiras notas poeticas com João Penha, Guilherme Braga, Pedro de Lima, Manoel Sardinha e outros de que a poesia nacional conserva boa memoria.

Depois vieram as *Alvoradas*, os *Traços de critica*.

No *Cansioneiro Alegre*, diz d'elle Camillo Castello Branco:

«Conheci-o imberbe, azevieiro e alegre como o pardal lascivo nas alvoradas de abril. Era d'um cenaculo de rapazes portuenses que tinham muito talento e se entre-queriam com um amor de camaradas que já hoje, a esta hora alta da civilisação do egoismo, se nos afigura um sentimento absurdo, uma pieguice selvagem de povos incultos. Alexandre da Conceição cantou o amor, cantou *Stello*, um poemeto que parece de Musset ou Haine.»

Este dizer do iminente romancista é insuspeito, porque elle só affirma o talento de Alexandre da Conceição, sem favor de quem, antes na critica não fôra poupado por elle.

É bem conhecida a rija polemica litteraria sustentada por Alexandre da Conceição com o mestre da litteratura contemporanea, e que n'essa polemica elle não recuou aos golpes desapiedados do grande polemista, mas nem porisso Camillo Castello Branco deixou de fazer justiça ao talento do seu contendor.

Espirito excencialmente moderno, Alexandre da Conceição, emancipado das primeiras impressões do romantismo, lançou se no campo realista com uma convicção sincera.

D'ahi a sua polemica com Camillo Castello Branco quando este escriptor publicou o *Euzebio Macario*, em que muitos víram Camillo redicularisando a escola realista.

Esta polemica foi, nos parece, dos ultimos trabalhos litterarios de Alexandre da Conceição alem de alguns artigos publicados no *Seculo* em que affirmou bem as suas ideias avançadas, sustentando-as com raro talento e erudicção.

O OCCIDENTE teve a ventura de publicar algumas producções suas no primeiro volume, e essas producções são das mais distinctas que tem publicado em suas columnas.

Os encargos officiaes a que era mister attender, para levar o prosaismo da vida, afastaram Alexandre da Conceição mais dos seus trabalhos litterarios. A familia exigia meios para se manter, e as letras são fraco rendimento para a sustentar.

Mas se na litteratura Alexandre da Conceição affirmara o seu talento de modo destincto, na engenheria, a que se dedicou, tambem não foi menos distincto, sendo a sua aptidão e conhecimentos aproveitados no serviço publico.

Sabemos que por muito tempo fez parte do pessoal technico das obras da barra e porto da Figueira.

Depois passou para as obras publicas da Guarda e ultimamente era director das obras publicas de Vizeu.

Foi n'esta cidade que se finou no dia 11 do corrente, produzindo a sua morte profundo sentimento em todos que lhe conheciam os finos quillates do seu espirito, o zelo no cumprimento dos seus deveres, a extrema bondade do trato que a todos captivava e fazia bem querer.

O seu corpo foi depositado no jazigo do sr. conde de Prime, em Vizeu.

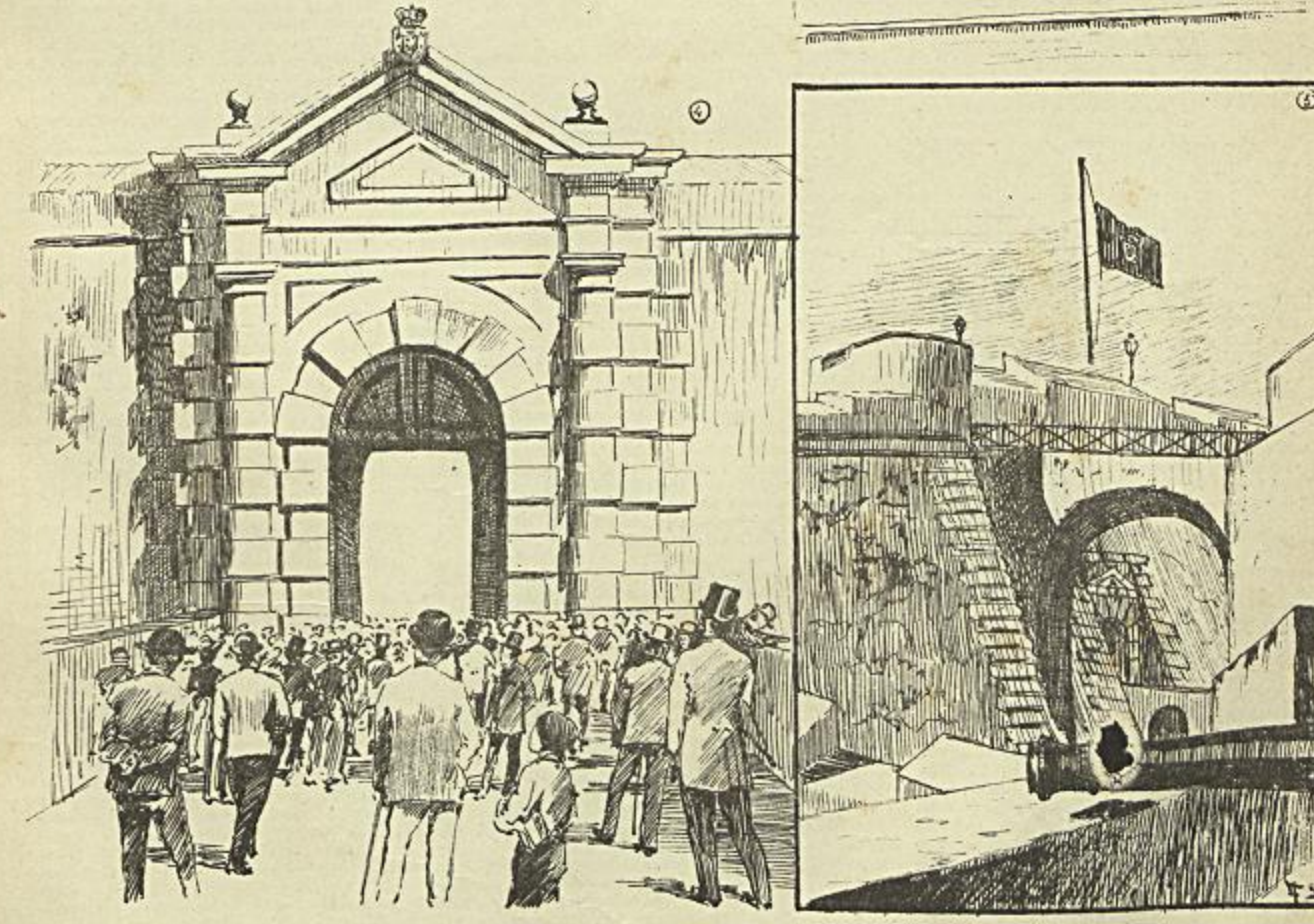
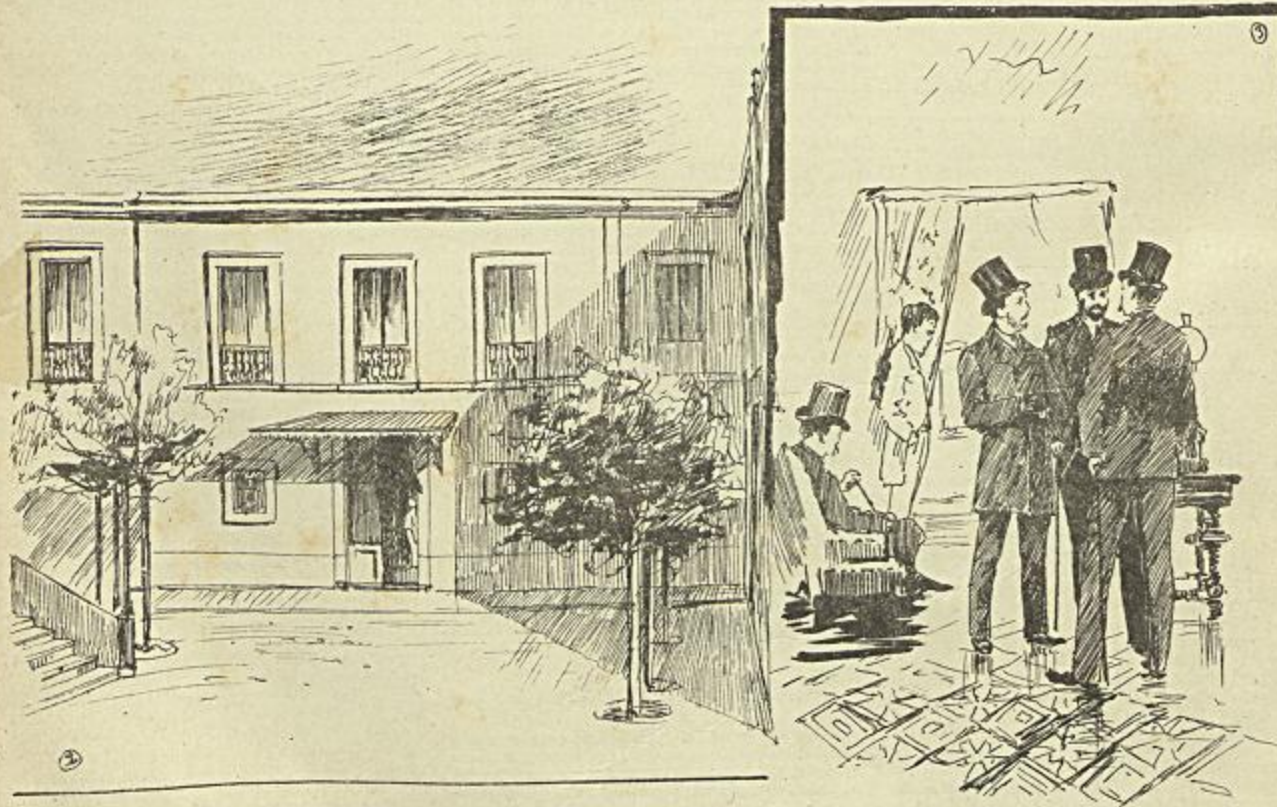
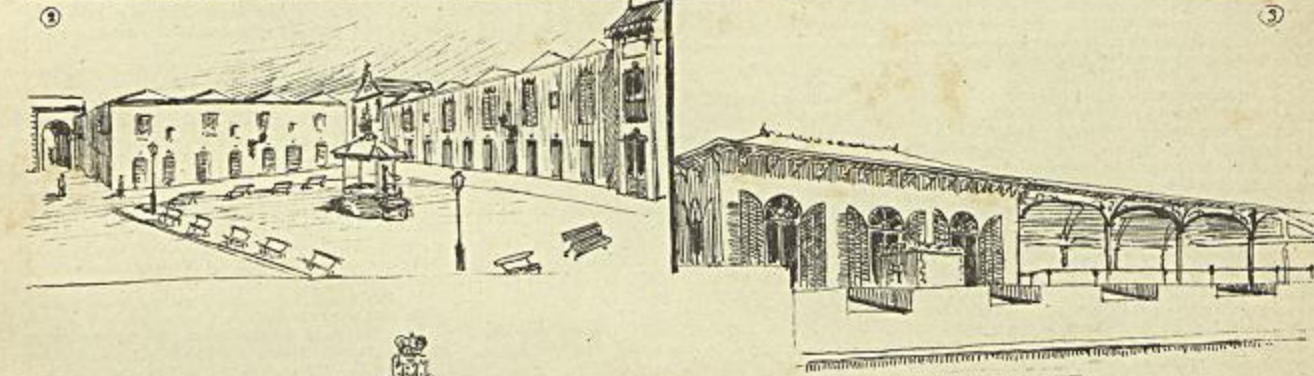
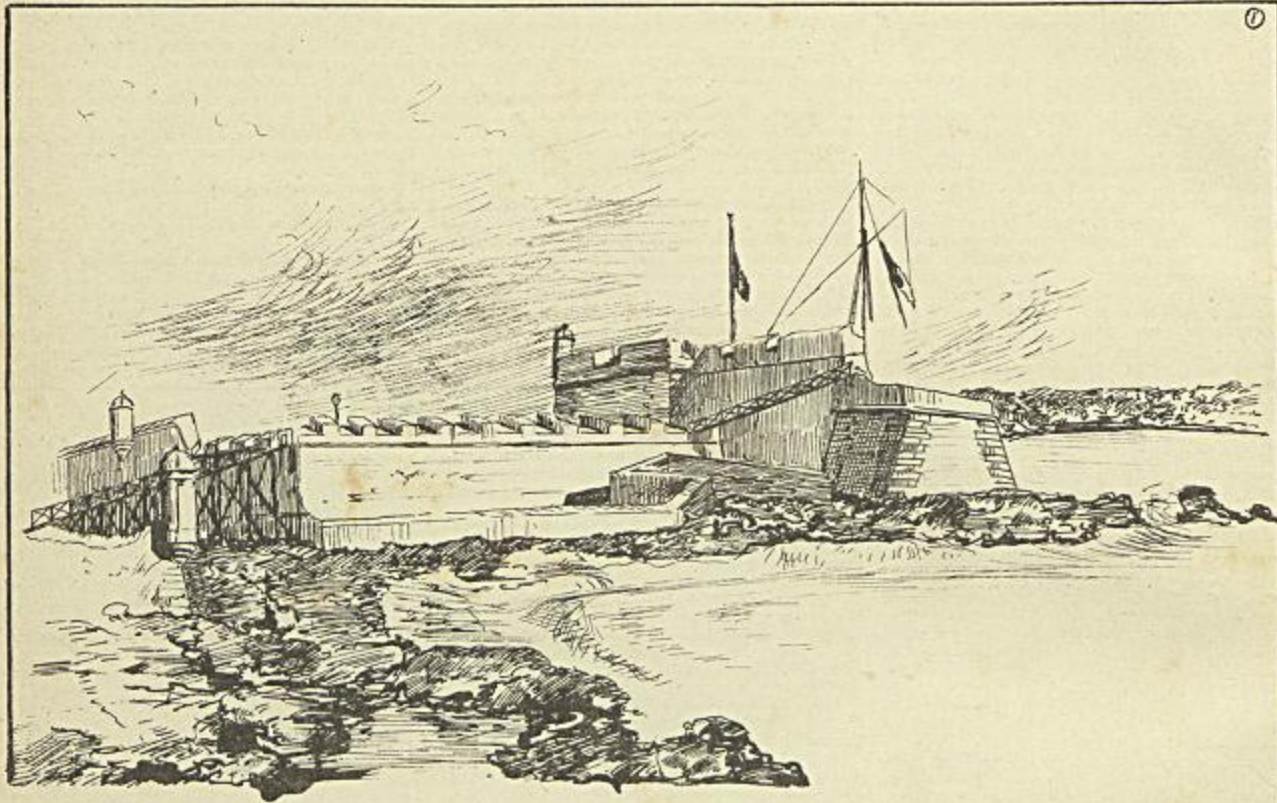
PINHEIRO CHAGAS

EM FRANÇA

O discurso que segue, proferido por Pinheiro Chagas em Paris, foi o que deu logar ás manifestações enthusiasticas dos francezes e estrangeiros que lograram ouvir o nosso prestigioso orador, conforme noticiámos na *Resenha* do ultimo numero do OCCIDENTE:

«Senhores!

«Ha aqui poucos portuguezes e é por isso que ouso levantar um brinde em nome dos meus compatriotas ao sr. presidente do *comité* brazileiro da Exposição, não só para render homenagem ao sr. visconde de Cavalcanti, uma das intelligencias mais distinctas, uma das personalidades mais no-

SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ I EM CASCAES

1 Fortaleza de Cascaes ou vista exterior da cidadella.
2 Palacio Real onde falleceu El-Rei D. Luiz. — 3 Pequena sala onde os *reporters* aguardavam as informações sobre o estado de El-Rei

1 A Bahia de Cascaes. — 2 Esplanada da cidadella.
3 Pavilhão onde El-Rei esteve pela ultima vez gozando a vista do Oceano. — 4 Entrada da cidadella. O povo procurando noticias de El-Rei.
5 Ponte sobre os fossos da fortaleza por onde El-Rei passava.

(Desenhos do natural p^or Luciano Freire)

notaveis do Brazil contemporaneo, mas tambem para saudar em nome do meu paiz, a naçao irmã, a nação onde vemos ampliada a imagem da patria, ramo destacado do velho tronco portuguez, que, rebustecido pela seiva americana, reavivado e fecundado pelo sol radioso dos tropicos, se tornou no immenso imperio, cuja bandeira resplende o ceu americano como a bandeira recamada de estrellas dos Estados Unidos. Estrellas agrupadas em campo azul ou Cruzeiro do sul, são as duas constelações que orientam a marcha perseverante da humanidade no occidente. Dir-se-hia com effeito que a humanidade no seu amor pela luz, no seu odio ás trevas, ao ver fugir-lhe o sol, o persegue anciosa, e, na sua desesperada carreira, os povos já exaustos, passam de mão em mão o facho guiador. É o que Portugal fez pelo Brazil, e, ao vêr esse facho luminoso sustido nas suas vigorosas mãos, applaudio seus esforços, e, esses aplausos tornaram-se em apotheose quando vio affirmar-se a grandeza do espirito do Brazil na lei de 13 de maio, e a força da sua organisação pelos triumphos alcançados em Paris.

«Não! não pode nunca haver entre nós, odios ou invejas. Mesmo na epocha colonial, apesar de todos os defeitos do systema, nunca houve uma distincção bem nitida entre portuguezes e brazileiros. Quem pode separar na historia da nossa emancipação de 1640 os heroes brazileiros dos heroes portuguezes. Assim que Portugal quiz cooperar nas descobertas scientificas do seculo XVIII o primeiro que appareceu foi um brazileiro: Gusmão o predecessor de Mongolfier. Assim que Portugal inaugurou a exploração scientifica da Africa no seculo XVIII é ainda um brazileiro o primeiro explorador: Lacerda de Almeida. E foram tambem muitas vezes os portuguezs n'aquella mesma epocha que pozeram o Brazil na corrente da civilisação.

«E, assim que soou a hora inevitavel da separação, logo que o Brazil, como todas as outras colonias europeas, quiz fazer casa á parte, o que para os outros foi um divorcio, era para nós uma separação amigavel de corpo e bens. Separámos-nos cordealmente apertando-nos as mãos, os laços fraternaes que uniam os dois imperantes uniram os dois povos, e esta solidariedade, como a corrente electrica que vae pelos cabos submarinos atravez da profundidade das aguas fazer vibrar do mesmo golpe as agulhas telegraphicas das duas costas do Atlantico, esta solidariedade fraternal nivelando a crista immensa das vagas, vae despertar á mesma hora as mesmas alegrias e as mesmas dores em nossas almas collectivas.

«É por isso que eu, portuguez, tendo no coração o orgulho das nossas tradições e a altivez viril das nossas esperanças, ergo em nome de Portugal que ama o Brazil, como a um irmão mais novo como o Benjamim da nossa velha mãe sagrada, a Luzitania da Renascença, aqui em terra estrangeira, um *toast* enthusiastico á gloria e á prosperidade do Brazil.

«Eu disse *estrangeira*! E será assim, senhores, Paris será para nós o estrangeiro? É a primeira vez que piso o solo sagrado da França, e ao sentil-o, acreditei encontrar um velho conhecimento, e tudo quanto ha de puro, nobre, generoso, e d'immortal n'este paiz, tudo que me embalou nos sonhos da mocidade veio susurrar em volta de mim, como um enxame de abelhas de ouro, e como que a dizer-me que se ha flores sob todos os climas, é aqui o cortiço onde o mel se fabrica, e é por isso de certo que a sciencia moderna tem Charcot, como a philosophia antiga tinha Platão.

«Não desconhecêmos, senhores, nem esqueçâmos que é a França que nos convidou a estes jogos olympicos. Eu reconheço os serviços que os outros povos prestaram á causa da civilisação, e reclamo uma boa parte para o Brazil; mas é o nome da França, é o espirito da França, é quazi sempre o sacrificio da França, que se mistura em todos os grandes acontecimentos, como o sol da terra de que falla o Evangelho.

«Accusam-na muitas vezes pelos incendios que promove mas é ella que arde, e o mundo o illuminado. Descobrimos, nós os portuguezes, metade do mundo, e temos o direito de por isso nos orgulhar, mas sabeis, senhores, qual era a insignia que tremulava nos pavilhões dos nossos ousados navegadores? Era a divisa franceza do infante D. Henrique — *Talent de bien faire* — E, inconscientemente talvez, o primeiro signal que a audacia portugueza marcou n'essas terras longiquas foi a divisa gloriosa do velho espirito da França.

«E quando eu vi, senhores, este admiravel monumento—a torre Eiffel, esta pyramide da paz, prodigiosa flexa d'esta immensa cathedral do trabalho—a Exposição de Paris, quando vi a torre Eiffel, que é o verdadeiro symbolo do genio da França, porque ella é a um tempo docil e temeraria, graciosa e forte, quando vi pela primeira vez accenderem-se as phantasticas illuminações, pensei ler em lettras de fogo a velha divisa franceza dos marinheiros portuguezes—*talent de bien faire*—É a divisa da civilisação, a divisa do trabalho, a divisa do progresso. Foi ella que conduzio os nossos antepassados ás plagas gloriosas do Novo Mundo, e é ella ainda que ha de guiar o mundo moderno ao paraiso radiante do futuro.

«É ao Brazil que levanto o meu brinde, não o esqueço, é ao sr. visconde de Cavalcanti, de quem o nome é o symbolo heraldico de nossas antigas tradições communs, cuja personalidade respeitavel é o symbolo do prestigio brazileiro em França é a elle que presto homenagem; mas, vós o sabeis, os antigos quando bebiam á saude de seus irmãos e de seus amigos, faziam primeiro que tudo uma libação em honra dos *deuses lares*, e por essa razão faço tambem esta libação em honra dos *deuses lares* da civilisação, do progresso, da sciencia, e da liberdade; dos *deuses lares* da França, da terra hospitaleira, da patria franceza.»

Pinheiro Chagas.

A SENHORA DUQUEZA

EXCERPTO

(Concluido do n.º 389)

Obedeciam todos, claramente, automaticamente. Impõe-se assim a Loucura, o Erro?...

O Duque—«desceu abaixo, a umas lojas onde dormiam as negras e as buscou todas e não achou ninguem senão ellas.»

Tornou logo a subir a escada,—Jorge Loureiro sempre com a tocha adiante,—e entraram na camara de D. Leonor.

Ahi, n'uma alcatifa, ao lado da camara da Senhora, meio occulto pelos cortinados,—e por isso o não haviam visto da porta, na primeira vez,—estava Antonio Alcoforado.

Finalmente!

O Pagem,—desarmado, pois que atirára a espada do irmão pela janella,—poz-se de joelhos, ergueu as mãos e pediu misericordia.

O Duque disse-lhe:—«que se désse a Deus por que havia de morrer,—e o moço então pediu lhe—«que pelo amor de Deus o mandasse confessar primeiro.»—ao que D. Jayme repetiu:—«que se désse a Deus que ou seria ou não.»

Chegando á janella mandou recolher os espiões e a famulagem que já ali estava, e deixando Jorge Loureiro de guarda ao Alcoforado dirigiu-se ao guarda roupa.

Ou n'esta occasião ou antes fôra ao quarto de Anna Camella exigindo-lhe, alto, a bueta, e como ella lhe dissesse que estava no guarda-roupa foi alli, arrombou o cofresinho e tirou d'elle um papel.—aquelle ultimo papel que a Duqueza guardára:—a primeira ou a ultima carta, talvez, do Pagem, a derradeira folha d'aquelle pequenino livro do seu primeiro e ultimo amor, talvez!

A' porta do quarto dos filhos bradou, impetuoso e rude:

—«Sahi, ca, Senhora. Esta é a minha doença, que *dez noites ha que não durmo*, nem *aquelle* que ali está fóra ..

Nem aquelle!...

A phrase era um punhal que elle arrancava do proprio coração para o cravar no d'ella.

Deve ser fidelissima, não a pudera inventar tão cruamente, tão terrivelmente lampejante, a velha dona da camara, a Beatriz Annes, que a reproduz:

—«*Dez noites ha que não durmo!...*

A precisão mathematica que só a grande dôr,—a desgraça,—ou a Morte,—imprime á memoria dos que fere no coração.

Fôra realmente em 22 de outubro,—iam passadas dez noites,—e não o sabia a dona,—que o bruto do Vedor acordára bruscamente aquella alma altiva e leal; dez noites eram passadas,—dez longas noites de outubro!—que ella ouviria gargalhar na sombra, crescendo e alargando-se d'ahi, d'aquelle soalheiro escuso, d'entre os seus criados e villões até ás invejas e aos ciumes da Côrte, este pregão implacavel, infame:

—«Deshonrado, alto e poderoso Senhor! Deshonrado, Duque de Bragança e de Guimarães! Escondias a mulher que não amavas no teu ermiterio sertanejo, rodeada da tua gleba, dos teus javalis, dos teus frades. Escondial-a do torvelinho assoalhado, fascinante, da Grandeza, da Adulação, da Côrte. Não te mareassem o escudo em que puzeras as armas de quatro Reinos as ledas recreações dos saraus. Não a entontecessem os *rifões* enamorados! Não lhe subissem ao coraçãosinho turgido de mocidade as *glosas* da sophistica galante!

«E vae ella, a fada encantada, que não era senão uma mulher moça e sã; que não tinha culpa de não te amar,—que não te amára ainda,—que de mãos em mãos de velhas soberbas ou resignadas te viera cahir nos braços, que só por devoção e dever a estreitavam...

E vae ella... «lançou-se» com uma creança,—com um pagem que nem espada nem esporas podia usar ainda. Deshonrado, grande e orgulhoso Senhor!

«Antes ficasses em Castella, filho do Degolado de Evora!

«Antes envergasses o burel franciscano, melancolico alumno dos santões da Piedade! Deshonrado, deshonrado!...

«Mas tu não te pertences.

«Mas tu és um nome que continua o do Santo Condestavel e o do grande Mestre. Tu és uma instituição da Corôa gloriosa que symbolisa a honra, a altivez, a fidalguia d'um povo. Tens no brazão as Quinas e o *Banco de pinchar*. Lembra-te d'isto, homem! Lembra-te d'isto, Duque!»

E homem e Duque do seculo XVI, nascido e creado, ainda, no seculo XV:—é necessario não esquecer isto, *pelo m nos*.

E francamente não tem sido o que mais tem importado considerar á sentimentalidade e á critica moderna.

Nada mais caracteristico, comtudo, mais natural, mais vivo,—da vida do seu tempo, do seu meio,—do que esta monstruosidade a que vamos assistir na palavra ingenua, serena, fria, de uma multidão de homens e de mulheres que acabam de presencear, calados e immoveis, a scena terrivel.

—«Devota besta fera,» o Duque?—como n'um explosir de indignação generosissima, *mas de hoje*, lhe chama um escriptor illustre?

—«Alma tisnada de fanatico?»—como o suppõe outro, n'um impeto de piedade nobilissima, mas *nossa*, *mas de agora*.

E os que o rodeiam, e os que assistem, e as proprias victimas, resignadas, submissas?...

Uma d'ellas é a Duqueza, a filha de uma raça forte, intrepida, a mãe do futuro Duque, a filha adoptiva de D. Isabel. Não é já uma estranha. Fizeram-n'a Senhora, ali, a Egreja e a Corôa.

Uma palavra d'ella abalaria aquellas almas creadas no culto da sua grandeza, no convivio amoravel, grato, da sua auctoridade.

Se o Duque estivesse louco, ella fal-o-hia agarrar, quando,—o que é pouco duvidoso,—não o tivessem agarrado antes os seus proprios criados, fazendo acudir os medicos.

E os que logo depois fallam e escrevem do acontecimento?...

Não, não.

Nem doido, nem feroz, nem fanatico.

Estavam ali Fernão Rodrigues, o velho servidor do pae, o camarista e confidente de D. Jayme:—Fernão Velho, o vedor da Duqueza, o «amo» de seu filho, velho estupido, mas velho fidalgo;—Beatriz Annes, a dona da Casa de D. Leonor, a que nunca suspeitára, a que nada disse;—Jorge Lourenço, o escrivão e tabellião geral dos Duques,—e Pero Vaz, o Guarda-roupa, o amigo do Alcoforado;—e Anna Ferreira,—e João Gomes, e o hortelão, e lá ao fundo as amas, aquietando talvez as duas pobres creanças acordadas por aquelles extraordinarios ruidos, e a distancia toda a famulagem, as escravas, e no dia seguinte a Villa, a Justiça, o Rei, Toda-a-Gente...

Mas estava tambem ali, alta noite, na camara de dormir da «Senhora Duqueza,» um homem, um moço-fidalgo, um pagem galanteador e garrido!

O Duque mandou pelo porteiro chamar um padre, o capellão Lopo Garcia,—que viesse prestes acudir a uma doente.

O Alcoforado ficára alguns momentos a sós com o Jorge Lourenço, escrivão.

Conhecia-o. Era das relações da familia. As mães de ambos diziam-se parentes.

O Pagem disse-lhe que pois não tinha a certeza de confessar-se o ouvisse elle de confissão. O Jorge respondeu-lhe que sim; aconselhou-lhe que visse bem a consciencia, que se a tivesse—«encarregada»—lh'o dissesse.

E elle então contou-lhe—«algumas cousas, e que pedisse ao Duque, quando viesse, que lhe perdoasse aquella traição que lhe fizera.»

Que cousas foram? Pouco importantes, naturalmente: sem relação com o caso, talvez; do contrario, o Jorge não se calára, como não calou o mais que promettera, ali mesmo, áquella hora solemne, calar.

O Duque estava no guarda-roupa,—«ás historias,»—com a Duqueza.

Ella—«desculpava-se,»—dizem o Pero Vaz e a Beatriz Annes—«que lhe não tinha feito nada,»—accrescenta a ultima.

Quando D. Jayme voltou á camara, o Pagem e Jorge Lourenço pediram-lhe de joelhos—«que lhe perdoasse a traição.»

O Duque respondeu, diz Pero Vasques,—«que se abraçasse com Deus, que o corpo havia de padecer e mais passára Nosso Senhor por nós outros.»

O Juiz da Terra tinha de cumprir a Lei, a Justiça d'ella. O de Cima, o do Céu, julgaria a todos Fanatico?

Não:—homem do seu tempo e do seu meio, simplesmente, positivamente.

E mandando sahir o escrivão ficou a sós com o Pagem.

Foi curta a conferencia; terrivel deveria ser para os dois!

Creança, o Alcoforado n'aquelle momento havia de comprehender nitidamente que era um homem Homem e cavalleiro, que se não usava espada, se expontaneamente a atirára pela janella, armou-se elle proprio cavalleiro n'aquelle lance medonho; —pressente-se que *nada disse.*

Quando sahiu e o escrivão reentrou o Pagem estava conformado, póde dizer-se tranquillo.

Era um homem realmente!

Vendo passar o Guarda-roupa Vasques, o amigo, pediu lhe—«pelo amor de Deus que lhe perdoasse, se lhe alguma cousa tinha feito.»

E ao Jorge Lourenço disse:—«que porque fosse muito amigo do Duque»—se desarmára; atirára a espada pela janella;—que essa espada era de seu irmão e lh'a tomára quando elle dormia. Que lhe pedia pois que a desse ao criado, a João Fernandes—«que viera com elle e estava ali esperando e já seria ido,»—mas nada d'isto contasse ao Duque.

O capellão chegára e o Duque mandou-lhe que confessasse o moço.

Concluida a confissão, levou o padre ao guarda-roupa e ordenou-lhe que confessasse a Duqueza

Depois do padre veiu o algoz:—um escravo negro, com uma machadinha,—«um manchil»—da cosinha.

Antonio Alcoforado pediu apenas que lhe cobrissem o rosto,—«porque não visse como o haviam de matar.»

Fizeram-lhe a vontade, curvou a cabeça e o escravo decepou-lh'a d'um golpe.

Além dos mais, o Duque quiz que assistissem á execução as criadas da Senhora:—Beatriz Annes, Anna Ferreira, Anna Camella.

Como *nós*, leitor, D. Jayme não acreditava, naturalmente, na grande innocencia d'ellas...

O camarista. o Fernão Rodrigues, foi o unico, parece, que,—«movido de piedade,»—se afastou um pouco.

Demorava-se a confissão da Duqueza.

Impaciente, o Duque foi duas ou tres vezes á porta do guarda roupa, perguntando—«se não acabára;»—da ultima disse imperiosamente:

—«Acabae, Senhora! Absolvei-a, Padre! que não ha mister de mais...»

E mandando embora o capellão, avançou para ella com um terçado.

Ella duas ou tres vezes bradou misericordia,—«que lhe não havia feito nada!»—diz a Beatriz Annes, que estava da parte de fóra,—e elle vibrou-lhe a arma á cabeça. recommendando-lhe,—«que se lembrasse de Deus e não curasse de outra cousa,»—ou como conta Jorge Lourenço:

—«Esta era a minha doença d'estes dias. Daevos a Deus!»

Ao primeiro golpe, a desgraçada cahiu—«entre uns cofres.»

O Duque ergueu-a pelos cabellos e deu-lhe os outros.

O afflicto camarista, que descera dois degraus da escada para não ver, espreitou então, e D. Jayme mandou-lhe observar—«se estava já morta.»

Ordenou, em seguida, que levassem o cadaver para onde estava o do Pagem.

Foi assim que o Ouvidor Gaspar Lopes os veiu encontrar—«ambos, um junto do outro.»

Com Fernão Rodrigues, o Duque recolheu-se aos seus aposentos, mandando chamar as Justiças.

Mas o Padre é um personagem mudo.

Passivo, atravessa esta scena terrivel como uma sombra.

A Lenda,—mais propriamente, desta vez, Caetano de Sousa, o que mutilou o testamento de D. Jayme,—phantasia-o em grandes exclamações e protestos.

A Verdade... é que nem uma palavra d'elle se escuta, se pressente, sequer, nos documentos.

Elle não depõe na Inquirição, e nada mais natural do que isso. Havia de depôr o sygilo confessional?

Mas nenhum dos espectadores accusa a menor observação, a menor indiscripção do Padre.

Que extravagante «fanatico», o Duque,—se o fosse,—que tendo ali á mão um representante da Egreja, depositario, naturalmente, da verdade toda, nem por sombras pensa em consultal-o antes de fazer a sua justiça!

E que Padre aquelle, que se tivesse recebido a confissão da Innocencia, deixava silenciosamente que sobre ella prevalecesse a Mentira e a Morte!

Positivamente, o que tem andado esquecido um pouco é... o tempo em que estas cousas succederam, que foi no anno da Graça de 1512, duas horas passadas do dia 2 de novembro quando amanhecia o—*Dia dos Finados.*

O Padre, o Lopo Garcia, fui encontral-o ha dias, no cartorio da Misericordia de Villa Viçosa,—um excellente cartorio, muito bem tratado, e uma piedosa Casa, primorosamente administrada, por signal.

Fez o seu testamento em 25 de outubro de 1522, que foi aberto,—o que quer dizer, que elle morrera,—em 20 de julho de 1523,—e não parece que sentisse a alma muito—«encarregada,»—porque calcula-lhe a salvação eterna n'um—«trintanario de missas.»

Já deveria ter ouvido de confissão uma nova Duqueza de Bragança.

Não muito longe d'ali no côro debaixo, aberto e devassado hoje, revestido de pinturas santamente picarescas, do que era o famoso convento da Esperança, ao fim da Villa, encontrei tambem, a segunda, a definitiva sepultura da que foi D. Leonor de Mendonça.

Uma pedra rasa, junto de outra que cobre os restos da primeira mulher do filho, da sua nora posthuma, a Duqueza D. Isabel de Lencastre.

E em lettras cavadas, esta inscripção:

AQVI ESTÃO OS OSSOS
DA SERENISS.ª S.or DVQVE-
ZA D. LEONOR DE GVS-
MÃO I.ª M.er DE D. IAYMES
IV. D. DE BRAG.ca FAL. EM ES-
TA V.ª V.ca AN. DE M. D. XII.
1512

Luciano Cordeiro

O CASTELLO DE GUIMARAES

(Conclusão)

Entre a torre de menagem e o lanço do muro de léste ficavam a ermida, uma casa que servia provavelmente de quartel aos soldados, e a prisão. Esta ultima é um apertado cubiculo, com uma janella a pouca altura do chão e defendida por grossos varões de ferro. No centro da casa ergue-se da terra a metade de um rochedo de fórma espherica, ao qual está presa uma grossa corrente de ferro.

A situação do castello é extremamente pittoresca e encantadora. Para o lado da cidade desce o terreno com suave declive, todo assombrado por frondoso arvoredo, que tolda com sua viçosa copa os caminhos que serpeiam pela collina. No lado opposto é formado o pequeno outeiro de grandes penedos, dispostos de modo como se a natureza quizesse fabricar com elles aprumada muralha para assento da fortaleza. Prologam-se com os penedos extensa fileira de arvores, tão altas que acompanham em quasi toda a altura a parede do antigo paço. Pelos rochedos trepam heras, que vão subindo e vestindo com seu manto de perrene verdura o vetusto monumento, até lhe engrinaldarem as janellas, d'onde pendem em festões, que se entrelaçam com a ramagem das arvores, que ora as beija docemente impellida pela brisa, ora as açouta agitada pela tempestade.

É bello, pois, e grandioso o aspecto da fortaleza, erguendo entre massiços de verdores o seu vulto venerando, tostado pelo sol de tantos seculos, acatado por tantas gerações, honrado com tão gloriosas memorias, e até enfeitado por tradições poeticas de cavalleria, e por lendas de amores.

Porém, se o castello de Guimarães assim se apresenta á vista com tantos encantos, por qualquer lado que o contemplem, os panoramas que elle offerece ao viajante do alto das suas torres, são tão extensos e variados, e de tão singular formosura e amenidade, que não ha penna que os possa descrever, nem pincel, embora delicado e amestrado, nem tintas, por mais vivas e brilhantes que sejam as suas côres, capazes de retratar com exactidão e verdade os quadros admiraveis com que a natureza ornamentou os arredores do castello.

Para o lado do sul, em logar mais baixo, estende-se a cidade de Guimarães, sobresahindo d'entre apertado cinto de viçoso arvoredo, que parece querer competir com as grimpas dos 16 campanarios dos templos da cidade. Em torno d'esta vê-se larga cercadura de prados verdejantes, orlados de carvalhos e castanheiros, por onde trepam vides até lhes abraçarem os mais altos ramos. Seguem-se aos prados vicejantes collinas, nas quaes se recostam as bellas vivendas do sr. conde de Villa Pouca, e dos herdeiros do fallecido conde de Arrochella, com seus jardins, dispostos em throno, e ornados de fontes e balaustradas.

Olhando para o norte lá se avista o romantico mosteiro de Santa Marinha da Costa, fundado pela rainha D. Mafalda para os filhos de S. Jeronymo, e tão graciosamente situado a meia altura de um monte todo coberto de espessos bosques.

Mais para leste levanta-se a serra de Santa Catharina, com o seu diadema de agigantados penhascos a formarem uma espaçosa lapa, que a devoção dos fieis converteu em capella, consagrada á santa virgem e martyr, que deu o nome á montanha. São tão bastas as copas do annoso arvoredo, que veste a serra, que occultam inteiramente os rochedos descommunaes de que está eriçado o dorso da montanha, e as torrentes que se quebram contra as fragas, e se precipitam susurrando nos algares.

Para o lado de oéste varía a paizagem, relanceando os olhos perspectivas não menos risonhas e formosas.

Collinas pouco elevadas, valles pouco profundos, por toda a parte verdores, aqui e alli espalhadas muitas casas e ermidas a alvejarem atravez da ramagem das arvores; e tudo isso emmoldurado ao longe por extensas cordilheiras de serras, erguendo-se em amphitheatro umas após outras, constituem novos qnadros de infindas bellezas naturaes.

I. de Vilhena Barboza.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVIII

Entretanto os gritos de soccorro dados pelo Quim e pela sua irmã, os toques d'apito da criada, foram ouvidos pela visinhança, chegaram á rua e a tranquillidade e a serenidade com que o major Rodrigues descia a escada foi interrompida bruscamente pela presença d'um cabo de policia que em mangas de camisa, bonnet official na cabeça, chanfalho na destra e apito na bocca entrava como um raio pela escada acima.

Ao esbarrar no vulto do major deitou-lhe a sinistra e redobrou a sua força apitadora.

—O que é! O que me querem! perguntou com a tranquillidade das consciencias immaculadas o major Rodrigues.

—Não resista que o mato, não resista! bradava o cabo de policia, no meio das trevas que inundavam a escada, brandindo o seu gladio policial e agarrando-se com unhas e dentes ao major.

Atraz do cabo porém entraram correndo esfalfados tres bombeiros que moravam perto perguntando assarapantados:

—Onde é o fogo! Onde é o fogo!

—Não é nada! não é nada! bradava o major Rodrigues sempre agarrado pelo cabo de policia. não é nada, é uma senhora que teve um ataque de nervos, e eu que vou chamar o medico!

E conseguindo com uma forte sacudidella safar-se das garras do cabo, o major empurrou os tres bombeiros e correu para a rua.

Ao sentir fugir-lhe a presa, o cabo de policia desatou a correr atraz d'elle berrando como um possesso:

—Agarra! Agarra!

Os bombeiros correram tambem fazendo côro:

—Agarra! Agarra!

O major ía já na rua, mas esbarrou na bomba qne chegava apressada para ganhar o premio.

—Agarra! Agarra! gritava o cabo de policia correndo atraz do major.

E aproveitando o pejamento que a bomba fizera na rua e que cortára o passo ao major Rodrigues, deitou-lhe a mão vingadora.

Mas á luz vermelha e tremula d'um archote empunhado por um dos moços da bomba, o cabo de policia ficára estupefacto murmurando:

—O sr. Major!

—Olá, é você mestre Jacintho? disse o major reconhecendo ao mesmo tempo no seu perseguidor e captor o sapateiro seu visinho e seu freguez.

—O sr. Major! repetia o cabo espantado.

Entretanto a visinhança accordada pelos apitos do sapateiro, pela fallacia que ía na rua, chegava ás janellas assustada e nervosa.

E ao verem as bombas com os seus archotes, abriam as janellas aterradas e gritavam desvairadamente:

—Fogo! Fogo!

Em menos de cinco minutos a rua estava atulhada de gente e de bombas.

E em torno do sapateiro e do major começava a fazer-se roda.

Os dois altercavam vivamente.

O major ao reconhecer no seu captor o seu sapateiro julgara-se salvo e dissera-lhe desabrido com ares superiores.

—Bom, agora que já me conheceu está desculpado, póde-se ir embora.

—Desculpado? repontou o cabo de segurança.

—Sim, eu perdouo-lhe o seu atrevimento, não sabia quem eu era.

—Atrevimento? alto lá! eu fiz o meu dever; aqui não ha atrevimentos.

—Pois sim, deixe-me ir embora.

—Isso é que não deixo.

—Hein?

—Já *le* disse.

—O mestre...

—Aqui não ha mestres, aqui ha uma auctoridade constituida...

—Você falla-me n'esse tom?

—Fallo sim senhor.

—Ah! falla?

—Fallo e não respingue...

—Eu sou major do exercito portuguez!

—E eu sou cabo da minha freguezia.

—Seu Jacintho deixe-me ir embora.

—Não deixo sem vir o sr. Regedor.

—Olhe que eu retiro-lho as meias solas que lá tenho.

—Pode até tirar as solas inteiras. não são meias solas que me impedirão de cumprir com o meu dever.

—Bravo! Muito bem! applaudiu a multidão, cemeçando a intervir no debate e dando razão á auctoridade.

—Eu o ensinarei, seu bruto, deixe estar! rugiu o major.

—Não insulte a auctoridade, bradou energico o sspateiro sentindo as costas quentes pelo applauso da multidão.

—Não insulte a auctoridade! repetiram em côro os mirones.

—Sou major e não posso ser preso senão por patente igual ou superior á minha.

—Não sei se póde ou se não póde ser preso, disse o sapateiro philosophicamente, o que sei é que está catrafilado e d'aqui é que não sai.

—Appoiado! Appoiado! applaudiu a multidão.

—Calem a bocca! bradou indignado, aborrecido o major Rodrigues.

—Cale você seu malcreado! reprehendeu o cabo, não insulte o povo, deixe fallar o povo!

—Morra! morra! berrou o povinho sentindo a seu turno as costas quentes pela auctoridade.

Entretanto do meio da multidão surdiu uma voz gritando:

—Larga o preso!

Todos se voltaram espantados d'aquella audacia.

Era um soldado do regimento do major que attrahido pela algazara chegára n'aquelle momento e tomava a defesa do seu superior.

—Fóra! Fóra! gritou a multidão indignada.

Mas começaram a apparecer mais soldados de differentes corpos, que indagando o que se passava, tomaram tambem o partido da sua classe e berraram:

—Larga o preso! larga o preso!

—Não largues! não largues Jacintho! gritava o povo.

—Larga! Larga!

—Não largues! não largues!

Alguns soldados mais ousados foram furando por entre a multidão até junto do major e depois agarrando-se a elle pucharam-n'o com força.

—Não largues! berrou o povo.

O cabo não largou.

Agarrou-se ao major como um bulldogue, mas como o empuxão dado pela tropa foi muito forte elle foi arrastado atraz do major.

—Larga! Larga! gritavam os soldados sentindo-se quasi triumphantes.

—Agarra! Agarra! bradava o povo.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

FALLECIDO EM 11 DO CORRENTE

(Segundo photographia do atelier do «Contemporaneo»)

E alguns populares agarravam-se ao cabo fazendo força opposta.

E então começou uma especie de serra madeira, para cá e para lá, sem de nenhum dos lados haver cedencia.

—Fóra os soldados! Fóra! começou a gritar o povo.

—Fóra a canalha! respondiam os soldados.

E de parte a parte principiaram a trocar murros.

A coisa ía tomando um aspecto feio.

O Jacintho brandia o chanfalho, mas apanhava socco por dá cá aquella palha.

Havia já cabeças partidas, ventas esmurradas.

Os soldados começavam a estar furiosos e a dar para baixo a valer.

O povinho respondia-lhe no mesmo tom.

E o regedor não apparecia.

O capataz da bomba vendo que a sarafusca ia assumindo proporções graves teve então uma idéa genial.

Mandou dar o signal de dar á bomba e pegando na agulheta assertou-a sobre os tumultuosos.

Elles influidos na luta não deram por esse movimento estratagetico, mas d'ali a nada sentiam-se todos alagados.

E então a multidão dispersou n'um abrir e fechar d'olhos.

Só quem não dispersou foi o cabo Jacintho. que cheio do nobre ardor de auctoridade não succumbiu á agua e agarrado ao major Rodrigues apanhou a pé firme aquelle banho de chuva.

N'esse momento appareceu pessoalmente o sr. Regedor.

—Onde é o fogo? Onde é o fogo? perguntou elle querendo mostrar-se muito activo, muito deligente.

—É ali! responderam-lhe os gallegos da bomba apontando para o Jacintho e para o major.

Os dois agarrados um ao outro, enxarcados como uns pintos, formavam um grupo original,— dir-se-ía um grupo allegorico da Innundação.

(Continúa.)

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Fomos prophetas e antes o não quizeramos ser A nossa prophecia, ou antes a nossa previsão realisou-se tão completamente que excedeu a nossa espectativa.

O melhor da festa era effectivamente antes das eleições, se o triste acontecimento que acaba de surprehender o paiz não tivesse accelerado a sua marcha e não se consumasse mais cedo do que, ainda assim o previramos no final da nossa revista do numero passado.

A morte de El-Rei D. Luiz, que veio emossionar fortemente a nação e cobrir de luto o coração dos bons portuguezes, deu toda a tristeza ao acto eleitoral, abstendo-se uma grande parte de eleitores de concorrerem á urna, e se n'estas circumstancias a urna não foi extremamente favoravel ao governo, a quem não faltou em todo o caso o seu rebanho de eleitores officiaes, maior seria o desapontamento se aquelle facto anormal não afastasse tantos eleitores menos estorrados e mais impressionaveis.

O governo ganhou materialmente as eleições, mas ficou moralmente vencido.

É o que se deprehende dos resultados eleitoraes conhecidos até á hora em que escrevemos estas linhas, linhas que pela nossa privisão calculada sobre os factos que se davam, as poderiamos ter antecipadamente escriptas.

Mas deixemos por hoje as eleições, a que unicamente nos referimos para illucidarmos ligeiramente o leitor sobre o resultado d'ellas, e consagremos algumas palavras a esse triste acontecimento que se nos impõe com toda a importancia que tem—a morte de El-Rei D. Luiz.

Não é indiferente para uma nação a morte do seu chefe, e muito menos quando esse chefe soube sustentar o seu logar dentro dos limites que a lei lhe estabeleceu.

Quando esse chefe soube conciliar todas as aspirações do progresso, que não pára, com a observancia das leis, que nem sempre o pódem acompanhar.

Quando esse chefe tem a justa comprehensão das necessidades do paiz a que preside, e o sabe conduzir á satisfação d'essas necessidades, sem violencias, sem alterações da ordem publica, innovando, educando, abrindo caminho, e podendo dizer ao seu povo — todos os progressos a que tens querido chegar, eu tenho sido o primeiro a applaudil-os quando não a inicial-os; e as vossas leis teem-se modificado, e os vosos costumes teem-se corrigido e a vossa riqueza teem-se desenvolvido, sem que o vosso sangue se tenha perdido nas lutas da revolução armada, mas antes fecundado na paz do trabalho que faz a vossa felicidade.

Quando, pois, um paiz acaba de perder um chefe de quem se póde dizer isto. essa perda não é indifferente, e por isso ella é tão profundamente sentida pelos homens que pensam e pelo povo em geral, que, sem saber positivamente as causas do seu bem ou do seu mal estar, tem a intuição natural que do bom ou do mau rei depende a sua melhor ou peior sorte.

Se o rei era bom ou mau, o proprio povo o confirma na confiança com que recorria a elle quando o seu governo lhe não attendia as pretenções ou os protestos.

Era tal a confiança que D. Luiz I inspirava ao povo, que pondo este de parte as leis que limitam a acção do poder moderador, não querendo saber d'ellas e confiando muito mais na sensatez, na equidade e na benignidade do rei, o queria para unico juiz da sua causa, indo ante os degraus do throno pedir-lhe justiça.

É que no rei estava encarnado um homem de coração, que tanto sabia ser rei como sabia ser pae.

Os juizos da Historia poderão descutir mais ou menos favoravelmente o reinado do rei que se finou, mas o que a Historia nunca poderá negar é esta ligação intima que houve entre D. Luiz e o seu povo e é essa ligação a prova mais segura de quanto o povo lhe reconheceu os beneficios e approvou os actos do seu reinado.

Que o novo monarcha D. Carlos I, que acaba de subir ao throno de Portugal, tenha a ventura de estreitar os laços com que seu augusto pae soube estreitar a si o povo, e continuar a obra de engrandecimento de Portugal tão afanosamente iniciada pelo rei que vae descer ao tumulo.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43